



# SÍTIO VETOR DE FÉ E DE EXPANSÃO URBANA: A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE

■ JACKELINE DE MACEDO\*

**Resumo:** A partir da abordagem da Arqueologia Histórica, pretendeu-se identificar os diversos atores (humanos e não-humanos) que se fizeram presentes na tessitura das redes estabelecidas na construção do sítio Igreja Nossa Senhora da Saúde, na cidade do Rio de Janeiro/RJ bem como, destacar os processos que levaram ao rompimento dos limites do quadrilátero urbano da cidade colonial e a relevância do sítio da Saúde na constituição da paisagem urbana da região.

**Palavras-chaves:** Arqueologia, Cultura material, Expansão urbana, Igreja de Nossa Senhora da Saúde

## Introdução

Em arqueologia a materialidade é de extrema importância, pois a produção material de uma sociedade serve de base para a compreensão de seu passado e de suas transformações. Desta forma, tudo que é produzido por ela, nos fornece subsídios para identifica-la e compreendê-la e é a partir dos artefatos recuperados nos sítios arqueológicos que a disciplina busca transcender os quadros estritos da historiografia baseada nas fontes documentais. Segundo o arqueólogo Paulo Funari, isto “constitui sua própria essência e a cultura material pode tratar de temas simplesmente ausentes ou ignorados pela documentação, como no caso das grandes majorias, da vida rural e do cotidiano” (FUNARI, 2002).

O local onde os testemunhos das atividades humanas do passado ficaram preservados é chamado de sítio arqueológico e podemos encontrar vários tipos de sítios, pois existem culturas distintas, as quais deixam marcas diferentes na paisagem e guardam vestígios materiais específicos. Ao intervir em um sítio arqueológico, o pesquisador tem a oportunidade de recuperar uma variedade de artefatos, em sua maioria fragmentados, que revelam a presença humana. Além destes fragmentos podem ser reveladas estruturas de múltiplas características que sobreviveram de um passado distante ou recente até os nossos dias. As comumente encontradas são as arquitetônicas, de sepultamento, fogueiras, trincheiras, caminhos, poços, lixeiras ou fossas sanitárias, mas também é possível recuperar estruturas tão grandes que podem ser consideradas como parte da paisagem cultural (ORSER, 1992, p. 34). Estas paisagens são detentoras de significados atribuídos pelo homem que as cria, as manipula e delas se apropria sendo neste sentido, passíveis de estudos arqueológicos.

A origem da palavra *arqueologia* – *arkhaiología*, que em grego significa “estudo das coisas antigas”, muitas vezes, pode levar a uma limitação do seu objeto de estudo aos restos materiais da atividade humana do passado. Contudo, é possível perceber que a arqueologia tem ampliado seu campo de ação para o estudo da cultura material de qualquer época, passada ou presente ao estudar a totalidade material “apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico” (FUNARI, 2003, p. 13).

Podemos dividir o campo de atuação da disciplina em pré-histórica e histórica, contudo, importa destacar que não devemos limitar esta divisão das “arqueologias” somente no que tange à escrita, devemos distingui-las através da formação do Mundo Moderno (TOCCHETTO, 2004), que se iniciou com a expansão europeia e coincide com a consolidação do sistema capitalista e de uma nova ordem social (SENATORE; ZARANKIN, 2002). Segundo o arqueólogo Charles Orser Jr., “o surgimento das forças de mercado no mundo capitalista tem um significado prático para os pesquisadores da Arqueologia Histórica, pois a grande maioria dos objetos usados pelos americanos pós-colombianos não foi feita por eles mesmos” (ORSER, 2005, p. 64).

Dentro desta abordagem, o arqueólogo pode utilizar-se de uma série de fontes (os artefatos, as estruturas, a arquitetura, os documentos escritos, informações orais e imagens iconográfica e fotográfica) promovendo assim, o estudo arqueológico dos aspectos materiais, em termos históricos, culturais e sociais concretos, dos efeitos do mercantilismo e do capitalismo que foi trazido da Europa em fins do século XV e

continua até a modernidade. Sendo que este processo de formação do mundo moderno é caracterizado pela perspectiva do colonialismo global, capitalismo, eurocentrismo e modernidade. O diferencial neste tipo de abordagem, dá-se ao fato, de se incluir em seus estudos todas as sociedades que são impactadas pelo processo de expansão mundo moderno, inclusive, as sociedades ágrafas.

O diferencial da arqueologia histórica é o de poder confrontar diversos tipos de fontes e reserva a esta, um papel de destaque no estudo dos grupos humanos a partir da interrelação das informações produzidas através da análise dos registros arqueológico e documental é possível dar “voz” aos esquecidos pela história tradicional.

No que se refere ao Projeto de Prospeções Arqueológicas da igreja de Nossa Senhora da Saúde, os estudos arqueológicos foram realizados a partir da abordagem da arqueologia histórica e desenvolvidos em duas etapas distintas de atividades: as de campo, através de prospeções, tanto em cota negativa (subsuperfície) quanto em positiva (prospeções nas alvenarias da edificação); e as de laboratório, a partir da curadoria e da análise do material exumado na etapa de prospeções.

Iniciado em janeiro de 2004, no bojo do Projeto de Restauro daquela edificação (Figura 1), formou-se um espólio composto por vestígios móveis das mais diversas naturezas (cerâmicas, vidros, ossos humanos e de animais, conchas, plásticos, sementes, cachimbos, materiais construtivos, metais, dentre outros) que foram processados a partir da curadoria deste material. Além destes, foram evidenciados vestígios imóveis (estruturas arquitetônicas e de sepultamento) que permaneceram preservados in situ. Para trabalhos de arqueologia histórica os documentos escritos são muito importantes, contudo é através do registro arqueológico que os pesquisadores buscam recuperar a história e a memória de grupos historicamente excluídos, sobre os quais inexistem registros documentais ou há apenas poucos registros que foram escritos por uma elite dominante letrada.



Figura 1 - Igreja de Nossa Senhora da Saúde na restauração, Rio de Janeiro/RJ.

Fonte: MACEDO, 2005.

Desta forma, ao estudar a materialidade recuperada através da pesquisa arqueológica pudemos contemplar informações que permitiram identificar os agentes responsáveis pela construção e pela transformação do sítio da Saúde ao longo da sua existência. Nossas análises foram embasadas a partir das ideias propostas pelo arqueólogo Ian Hodder, o qual afirma que as relações espaciais podem servir para mascarar, naturalizar ou mistificar contradições tanto entre grupos sociais com interesses distintos, como entre forças e relações de produção (HODDER, 1987, p. 141).

#### **A Igreja da Saúde como vetor de expansão urbana da cidade**

Com a ruptura dos limites urbanos da cidade colonial do Rio de Janeiro<sup>2</sup>, novas áreas até então consideradas periféricas como a região da Prainha passaram a ser ocupadas a partir da construção de armazéns pelos beneditinos em 1737. No entanto, as construções extramuros ainda eram proibidas e, somente com o governo de Gomes Freire (1735-1762) foi que essas passaram a ser aceitas (FRIDMAN, 1999) dando início a construção do Arsenal da Marinha (1762) na faixa entre o morro de São Bento e do cais da Prainha, visando implementar o processo de desenvolvimento para a cidade.

A partir de então, diversas outras edificações na região da Prainha foram sendo construídas, dentre elas destacamos o Trapiche do Sal - um corredor de armazéns com cais retangular onde eram guardadas mercadorias provenientes do recôncavo. A fim de

atender esta nova demanda, foram edificados os trapiches da Companhia do Porto, os quais foram utilizados para armazenamento de vinhos e a partir de 1769, o mercado de escravos no cais do Valongo<sup>3</sup>, conforme descrito por Robert Walsh:

O lugar onde fica situado o grande mercado de escravos é uma rua comprida e sinuosa, chamada Valongo, que vai da beira-mar até a extremidade nordeste da cidade. Quase todas as casas desta rua são depósitos de escravos que ali ficam à espera de seus compradores. Esses depósitos ocupam os dois lados da rua, e ali as pobres criaturas são expostas à venda como qualquer outra mercadoria (WALSH, 1985, p. 152)

Foi neste momento histórico, que se construía a igreja da Saúde (1742), por ordem do comerciante de escravos Manoel da Costa Negreiros, ao lado de sua chácara. Originalmente, teria sido erigida como uma capela em devoção a Nossa Senhora da Saúde no alto de uma elevação que passou a ser chamada de morro da Saúde.

Durante muito tempo, a capela da Saúde marcou a paisagem daquela região, servindo de referência para viajantes e navegadores que circulavam pela baía da Guanabara entre os séculos XVIII e XIX. Sua relevância era tamanha que passou a nominar o morro, o bairro e atuou como vetor na expansão urbana para aquele ponto remoto da cidade em meados do século XVIII e, conjuntamente com a implantação do novo porto no século XIX.

Durante o período colonial, era comum que as edificações religiosas configurassem como as principais referências construídas na cidade em oposição às naturais. Neste sentido, Robert Conduru (1998) faz menção a importância destes marcos fixos dentro da paisagem do século XVIII, quando as igrejas, capelas, mosteiros e oratórios passaram a balizar o fluxo da vida da cidade. Os núcleos urbanos deste período, foram criados com caráter essencialmente religioso e as igrejas marcavam o compasso do cotidiano da cidade através de seus ritos, cerimônias e badalar dos sinos<sup>4</sup>.

A construção de templos católicos tornou-se assim, um veículo eficiente na manutenção das relações de poder e em uma primeira análise, identificamos dois propósitos para edificá-las: seu uso cotidiano, o da realização das obrigações e das práticas religiosas; e o ideológico, como reafirmação de poder e de prestígio numa sociedade Católica, intolerante com qualquer tipo de distinção ou de heresia. A construção de capelas e de igrejas tiveram sua origem no cumprimento de promessas e:

(...) na transplantação de uma devoção lusitana, no desejo de cultuar uma lembrança religiosa ou na execução do mandato de um legado. Os terrenos em que as mesmas foram erguidas provieram quase sempre de doação de um senhor de engenho, de um rico comerciante, de senhora que herdara fortuna de marido abastado, da vaidade de alguém ou da religiosidade de não poucos (RIOS FILHO apud MACEDO, 2011).

Quando da construção da capela da Saúde, a região na qual a mesma encontrasse inserida era considerada como periférica, e a partir da sua implantação deixou de ser vista apenas como o rocio da cidade, dando início assim, a um processo de transformações nas suas vias de acesso e no volume ocupacional da área. O complexo arquitetônico da Saúde era composto pela chácara, trapiche e capela e o seu primeiro proprietário, Manoel da Costa Negreiros, pertencia a um segmento privilegiado da sociedade carioca, um grupo de comerciantes estabelecidos no porto da cidade no período de 1790 a 1840 e fazia parte da administração colonial, ocupando o cargo de Sargento-mór (FRAGOSO, 2001). Negreiros era responsável tanto pela distribuição de alimentos como de escravos, e estava incluído entre os proprietários de mão-de-obra, de terras e de meios de trabalho. Devido a privilegiada posição que esse usufruía dentro das relações coloniais, casou-se em 1724 com uma jovem de família tradicional dos “homens bons” da terra, Joana de Campos Sá, consolidando assim, a continuidade dessas relações de poder e a sua total inserção no seio da sociedade colonial.

Mesmo com a mudança de proprietários em 1754, o complexo da Saúde permaneceu entre a elite colonial. A nova proprietária, Antônia Leite Pereira, promoveu diversas intervenções a fim de imprimir a sua marca na propriedade, principalmente no que se refere a pequena capela. Aos poucos, esta foi adquirindo feições mais imponentes e após várias reformas, como a ampliação do gabarito e a construção de cômodos, percebeu-se a transformação tanto na feição quanto na estrutura da edificação.

Apesar da importância que a capela da Saúde teve no desenvolvimento da região, uma ocupação sistematizada somente ocorreu a partir das medidas saneadoras implementadas pelo Vice-Rei Marquês de Lavradio (1769-1779), com o dessecamento dos brejos do Valongo e de suas lagoas, e com a abertura de novas vias de acesso. Conforme afirma Pecheman, foi “com a abertura de uma rua espaçosa em lugar da azinhaga por onde passavam para as suas chácaras os habitantes da Saúde, Gamboa e Saco do Alferes” (PECHEMAN, 1987: 28) que estes tiveram o acesso à área facilitado. Contudo, o adensando populacional da região se concretizou a partir da transferência

da zona portuária do centro urbano (Rua Direita) para o cais do Valongo e com a implantação do novo mercado de escravos no século XIX. Percebe-se ainda, que aliada a esta expansão na faixa litorânea, também se verificou uma em direção à zona sul (Lapa e Glória), em direção oeste (Campo de Santana) e outra em direção norte (Conceição e Providência)<sup>5</sup>.

A partir da implantação do porto, da construção de armazéns e de trapiches, verificou-se uma mudança na utilização do solo daquela região, a qual passou a ter um caráter estritamente comercial (FRIDMANN, 1999). Este também pode ser percebido, através da análise do perfil dos proprietários do morro da Saúde, os quais encontravam-se intimamente ligados ao comércio e ao tráfico negreiro. A atividade do tráfico foi favorecida pela mineração e intensificou a atividade portuária, beneficiando assim, o crescimento urbano para aquela área da cidade e o re-redesenho da hinterlândia<sup>6</sup> do Rio de Janeiro.

Os Leites constituíram-se como um dos maiores proprietários da antiga Rua da Saúde, hoje Sacadura Cabral e por um longo período esta família e seus descendentes foram proprietários do trapiche, o qual passou a ser conhecido como o “dos Leite” (PEREIRA, 2005). Conforme consta na documentação do imposto da Décima Urbana de 1808 criado por D. João VI, os Leite ocupavam posição de destaque e a Rua Sacadura Cabral era um grande polo do comércio de compra e venda de escravos, onde se localizavam os grandes trapiches e os armazéns da Fazenda Real, e a partir da chegada da família real, ali também foi instalado o quartel de polícia.

(...) os maiores proprietários de imóveis nesse logradouro eram os herdeiros de Antônio Leite Pereira (dono do famoso trapiche do Leite), possuidores de 55 imóveis, incluindo o citado trapiche (CAVALCANTI, 1998, p. 89).

Contudo, a decadência da atividade mineradora na segunda metade do século XVIII trouxe mudanças na economia da Colônia gerando um estímulo às atividades agrícolas como a produção do açúcar, de algodão e de café. E a partir de 1760, a atividade agrícola encontrou condições ideais para seu desenvolvimento no Rio de Janeiro, mas foi somente após os anos de 1820, que essa passou a aproveitar as terras e a mão de obra escrava deixadas pela cultura açucareira e, com o estímulo à produção cafeeira, tornou a cidade um dos maiores entrepostos comerciais, distribuidora de escravos e de produtos manufaturados de todo o sul e centro do país (FERREZ, 1972).

A atividade portuária favoreceu o crescimento e a ocupação de novas áreas, pois era no porto que chegavam à cidade os europeus, os africanos escravizados e toda uma variada cultura vinda do exterior, intermediando assim, as relações econômicas entre os engenhos de açúcar, as minas de ouro, as fazendas de madeira, de café e de gado (FRIDMAN, 1999). Com a conversão do novo porto em um polo central do comércio negreiro, surgiram ainda, uma série de atividades que visavam subsidiá-lo. Neste sentido, foram criados um sistema de transporte marítimo entre o Valongo e outros bairros, um cemitério para o enterro de negros recém-chegados nos navios negreiros bem como, realizadas uma série de melhorias urbanas naquela região.

O processo de desenvolvimento urbano da cidade foi impulsionado principalmente, pela chegada da família real ao Brasil no início do século XIX, quando foram verificadas profundas transformações na área da cultura, nas feições da cidade, na política e, houve um implemento significativo ao comércio na cidade com a abertura dos portos para as nações amigas em 1808. O sucesso do empreendimento comercial com o exterior pode ser percebido ao serem analisados os números de embarcações que chegaram ao porto da cidade em 1807. Neste ano, dos 778 navios que entraram na baía de Guanabara apenas um era estrangeiro, enquanto que em 1811, as embarcações estrangeiras superaram o de 5000 navios “de todas as lotações, bandeiras e procedências” (LAMARÃO, 1991, p. 37). Tudo isso repercutiu de forma efetiva no incremento da região do Valongo, da Saúde, da Gamboa, do Saco do Alferes e da Praia Formosa.

Apesar do desenvolvimento promovido na cidade a partir da chegada da família real, faltava de tudo no Brasil, desde moradia para os nobres até alimentos e manufaturados. Em função disso, os comerciantes portugueses e ingleses viram-se num negócio lucrativo abrindo lojas, depósitos, bancos, empresas de crédito, etc., o que trouxe uma nova dinâmica à cidade (PEREIRA, 2005, p. 16).

Com a intensificação da atividade comercial, a cidade se adequou às novas condições impostas pelo “capitalismo”, urbanizando-se e espalhando-se, transpondo assim, definitivamente, os limites do núcleo urbano colonial. A dinamização da ocupação dos morros e das planícies da área do novo porto ocorreu principalmente, a partir do crescimento das atividades portuária (FRIDMAN, 1999). Contudo, os metais preciosos - fonte de lucro para a Fazenda Real, continuaram a desembarcar próximo à Alfândega (onde hoje é a Bolsa de Valores, Arco do Telles até o Centro Cultural dos Correios), enquanto que as cargas oriundas do recôncavo da Guanabara (alimentos,



madeiras, animais, entre outros) e os escravos foram destinados às regiões da Prainha, do Valongo e da Saúde.

Visando atender a demanda crescente do comércio na região foram construídos vários trapiches no litoral da Prainha e do Valongo, todos anteriores a 1848 (GERSON, 1965). Nas proximidades do armazém do Sal se encontrava o trapiche do Bastos, vindo a seguir o do Cleto, o da Ordem – da igreja de São Francisco da Prainha e, nas proximidades da pedra da Prainha, o da Pedra do Sal, construído em 1840, por Manoel Fernandes da Silva. Foi neste momento, que os Rodrigues Ferreira se tornaram os novos proprietários do Complexo da Saúde e o trapiche passou a ser conhecido como do Ferreirinha (GERSON, 1965, p. 152-153).

Quando os Ferreira passaram a ocupar o morro da Saúde, a região apresentava-se em um contexto distinto do encontrado pelos primeiros proprietários. Diversas melhorias urbanas se sucederam ao longo do século XIX e transformaram as feições da região. Através da criação de logradouros públicos e de novas vias de acesso vimos a formação de bairros como da Saúde, da Gamboa e do Santo Cristo que surgiram após a divisão das chácaras em lotes urbanos. Com maior dinamismo na região, houve uma melhoria na qualidade de vida dos habitantes daquela região em especial, a dos novos proprietários do morro da Saúde como observado por Brasil Gerson: “na vertente voltada para a Gamboa encontrava-se o trapiche do Ferreirinha, de propriedade de Cândido Rodrigues Ferreira, com seus 200 escravos e onde desembarcavam pratarias” (apud PEREIRA, 2005).

Os Ferreira passaram a ocupar o morro da Saúde no início do século XIX, entretanto em 1835, com a morte do seu patriarca, a viúva Roza da Soledade Ferreira e os seus três filhos, José Rodrigues Ferreira, Cândido Rodrigues Ferreira e Luís Rodrigues Ferreira passam a ser reconhecidos como os donos do trapiche da Saúde e continuaram administrando o comércio de importação e exportação.

Os Ferreira ocuparam o Complexo da Saúde até os anos de 1870, sendo o trapiche de sua propriedade, considerado um dos mais importantes da região neste século e que continuou em atividade até o início do século seguinte. Apesar de todas as transformações na região, a igreja da Saúde permaneceu imponente no alto do morro por muitos anos, entretanto, o solar da chácara que antes era ocupado pelos Ferreira, passou a abrigar a Hospedaria dos Imigrantes. A hospedaria funcionou no morro da Saúde por um breve período e posteriormente foi transferida para a Ilha das Cobras.

Foi em finais do século XIX, ao passar a igreja da Saúde para a propriedade da Irmandade de Nossa Senhora da Saúde, que se imprimiu uma transformação do uso privado da área para a consolidação do seu caráter público. Esta Irmandade consistia em uma sociedade civil fundada em 1898, que tinha como compromisso principal a propagação da fé católica com o fim de promover e de sustentar o culto da Santíssima Virgem Maria sob a invocação de Nossa Senhora da Saúde. Além de firmar a fé católica dos fiéis e irmãos, a Irmandade da Saúde era ainda responsável pelas festas anuais da padroeira, pela catequese de meninos da área e por promover a ajuda aos irmãos necessitados. Devido à data de formação da Irmandade, já muito distante do período em que essas organizações religiosas leigas tinham grande importância na vida cotidiana dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro, suas funções revelavam um caráter social por trás da fundação religiosa<sup>7</sup>.

Se durante o período colonial a vida cotidiana da cidade era regida pela igreja, a qual se encontrava vinculada ao Estado, com o advento da República foi decretada a separação entre estado e igreja, o fim do Padroado e o reconhecimento da liberdade religiosa. As transformações sociais ocorridas ao longo dos séculos XIX e XX repercutiram duramente nas irmandades, ao deslocar a atenção dos fiéis para outros assuntos e necessidades, o que ocasionou o definhamento das associações de leigos. Além disso, percebe-se também, um movimento de secularização da mentalidade da época e que essas transformações repercutiram na estrutura das irmandades, levando-a a uma mudança no seu papel social (RODRIGUES, 1997, p. 14).

Os enterros em *ad sactus* que até então eram realizados obrigatoriamente nas igrejas, por conta das inúmeras mortes causadas pelas epidemias que assolaram a cidade do Rio de Janeiro em meados do século XIX, foram proibidos os sepultamentos no seu interior e em áreas contíguas, levando as irmandades a sofrerem profundas reestruturações. Assim, com o surgimento das teses higienistas viu-se a criação dos cemitérios públicos que deveriam ser construídos afastados das áreas centrais levando o morto para fora dos “muros da cidade”. Desta forma, as irmandades perderam um importante papel dentro da comunidade, que era o da relação de vida e da morte dos seus cidadãos.

A Irmandade da Saúde foi criada em um momento no qual as irmandades já não exerciam suas funções “originais”, voltando-se então, para atender a demanda dos novos habitantes que passaram a ocupar a região do Valongo, Saúde, Gamboa e Santo Cristo em busca de locais baratos para poder residir, a um percentual da população que

passou a residir em cortiços na área e também, atendendo aos estrangeiros inscritos na freguesia de Santa Rita (PEREIRA, 2005, p. 58).

Por volta dos anos de 1960, a Irmandade da Saúde encerrou as suas atividades e passou a administração da igreja de Nossa Senhora da Saúde para o Arcebispado do Rio de Janeiro. Com a transferência de posse e o abandono da edificação, esta sofreu danos significativos pela falta de manutenção culminando com o arruinamento do seu telhado, com a degradação de suas estruturas e a depredação dos seus bens móveis pela ação de vândalos. Apesar de ter sido elevada a condição de patrimônio nacional em 1938, pouco foi feito no sentido de se preservar de fato a edificação e em meados do século passado, parte do seu acervo original (santos, anjos, talhas e alfaías do culto e painéis de azulejos) foi roubada, até mesmo a lápide da sepultura da família Ferreira foi vandalizada. Dentre os elementos que compunham a ornamentação da igreja e que foram roubados, destacam-se os painéis de azulejos pintados. Os azulejos retratam a passagem do Antigo Testamento e contam mais que a história de José do Egito neles retratada. São objetos cujo significado permite a recuperação de informações fundamentais sobre a memória dos antigos proprietários daquele sítio.

Assim, o roubo destes azulejos, além de deixar um vazio na decoração da igreja promoveram uma lacuna sobre a memória de seus proprietários e uma angústia para a comunidade<sup>8</sup> que viu a igreja chegar ao século XXI parcialmente degradada e sem condições de prestar os serviços básicos de atendimento aos fiéis.

### **Análise arqueológica no sítio da igreja da Saúde**

A partir das prospecções arqueológicas realizadas em 2004 no sítio da Saúde foi possível recuperar, através da identificação de peças e de estruturas arqueológicas, parte de uma memória escondida sob camadas de sedimento acumulado ao longo dos anos. Produziu-se assim, um acervo de aproximadamente 9.000 fragmentos de materiais diversos, além de estruturas arquitetônicas (fundações, alvenarias, etc.) e de sepultamento que nos permitiram reconstruir este passado esquecido. Por meio da “leitura” arqueológica destes vestígios, trouxemos à tona informações que permitiram dar “voz” aos atores que contribuíram na construção do sítio e que não apareciam nas narrativas oficiais. Desta forma, a partir da produção destas novas vozes, viabilizou-se a constituição da história daqueles que por ali passaram, foram influenciados e que influenciaram na construção de uma nova paisagem.

A pesquisa arqueológica realizada neste sítio visava principalmente, compreender como ocorreu o processo de ocupação do solo da cidade naquela região a partir da implantação do sítio da Saúde. Bem como, definir quais e como os agentes envolvidos neste processo atuaram na transformação da área a partir da busca por novos espaços para a expansão da malha urbana da cidade. Para este entendimento foi fundamental determinar as formas pelas quais desenvolvem-se as leituras arqueológicas acerca do tempo e da memória na igreja da Saúde e assim, identificar os atores (humanos e não-humanos) que se fizeram presentes na organização das redes estabelecidas na construção daquele sítio. A análise arqueológica visava compreender a importância destes na conformação das redes que por sua vez, criaram redes de relações, encobrindo toda uma existência de ‘atores’ silenciosos ao nosso redor. Através desta inter-relação da rede demonstrada no processo de implantação da igreja, do porto, de expansão da malha urbana da cidade, ou ainda, da pesquisa arqueológica ou do projeto de restauração e, de como as ações dos atores envolvidos nestes processos, contribuíram e produziram efeitos na rede **modificando-a** e sendo também por ela **modificada**.

O trabalho realizado naquele sítio pretendia demonstrar a relevância da implantação da igreja como vetor no processo de expansão da área que corroborou para a transformação da malha urbana da cidade a partir de imbricadas redes de relações que formaram e atuaram no seu assentamento. Bem como, na identificação dos agentes envolvidos na sua construção e manutenção, determinando assim, a ampliação destas redes de relações e de comércio a partir das “coisas” que foram recuperadas pela pesquisa arqueológica. Observou-se que a igreja atuou como um vetor no processo de expansão da cidade e conjuntamente com o novo porto, promoveu a expansão territorial da cidade e as redes comerciais que passaram a atuar no redesenho da hinterlândia da cidade do Rio de Janeiro.

Para visualizar estas redes e achar os “nós” que as conformaram, a arqueologia ocupou-se do estudo dos vestígios materiais, das “coisas” que fizeram parte de um universo material que sobreviveu de um passado distante ou recente até o tempo presente, compreendendo que estas coisas repletas de significado são o resultado da ação humana sobre a natureza.

O artefato arquitetônico, como o caso das igrejas e capelas, se mostra como um elemento de suma importância para a compreensão da construção da paisagem do Rio de Janeiro do século XVIII, visto que esta foi profundamente influenciada pela

implantação das edificações religiosas. As igrejas marcavam o compasso do cotidiano da população através dos seus sinos, das suas missas, das procissões e das festas bem como, o fato de ser católico era uma condição vital para sobreviver em terras portuguesas naquele período. Desta forma, entendemos que a implantação da capela da Saúde pode ser compreendida como o ponto de partida (“nó”) para o processo de ocupação do solo daquela área que até então era vista como periferia da cidade. Com a intensificação deste processo de ocupação, a área foi beneficiada pelas sucessivas melhorias ocorridas no centro urbano da cidade colonial e com a transferência das atividades portuárias.

De maneira a compreender as transformações sucedidas na área e como estas afetaram o sítio da Saúde, analisamos os dados arqueológicos, os históricos e os arquitetônicos considerando as transformações formais e estéticas que foram impressas na edificação. A capela “cresceu”, paralelamente ao desenvolvimento urbano da região na qual estava inserida e neste sentido, viu-se a necessidade de que a edificação correspondesse a esta relevância. A partir do acréscimo de cômodos, das mudanças no gabarito da edificação, da ampliação de suas dimensões e alterações na feição original, proporcionaram-lhe um aspecto mais grandioso e imponente.

No que se refere as transformações ocorridas nas feições da igreja da Saúde e nos seus arredores, ao observar a gravura concebida por Von Planitz (Vide Figura 2) vemos a paisagem do litoral da Saúde do século XIX com o acesso a chácara e uma vista parcial da igreja e do jardim da chácara (BERGER, 1985). As feições da igreja e os contornos da faixa litorânea foram transformados, bem como, o acesso ao solar da chácara que era realizado através de uma escadaria que se iniciava no adro da igreja e terminava em um jardim, o qual ligava as duas áreas. Mesmo a área da chácara tendo sido altamente impactada pelas várias intervenções ali ocorridas – identificam-se uma em meados do século XX quando da instalação de um tonel de óleo combustível (vide Figura 5), outra, no final do XX, com a construção de um conjunto de prédios residenciais e um muro de contenção, as prospecções arqueológicas recuperaram vestígios do antigo acesso, como degraus em granito e as marcas do antigo portão no muro de pedra. Foram evidenciados ainda, vestígios de uma antiga janela localizada na lateral da torre da igreja, a qual abria-se originalmente para o jardim da chácara.

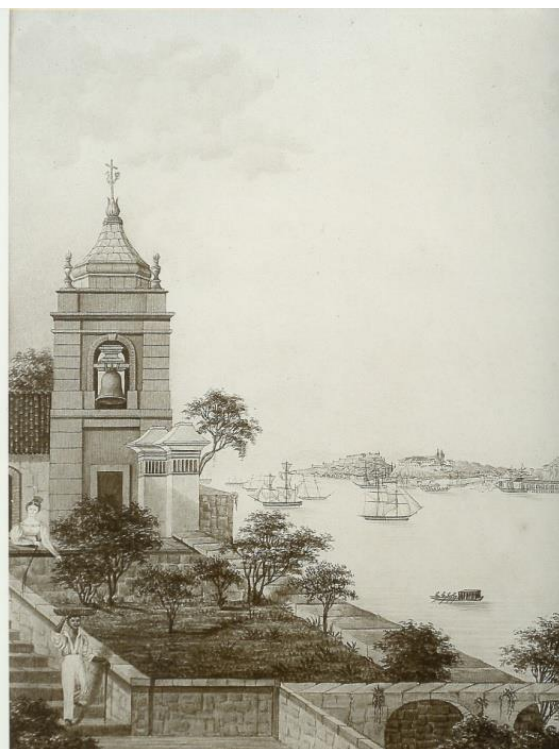


Figura 2 – Vista do jardim da chácara e igreja.

Fonte: BERGER, 1985.

Ao analisar a obra de arquitetura como um produto cultural carregado de sentido e de intenção, observa-se que esta é gerenciada pelo poder, já que a capacidade de controlar o espaço é uma condição para o seu funcionamento (ZARANKIN, 2002, p. 13 – 14). Neste sentido, concordamos com o arqueólogo Andrés Zarankin (op. cit.), ao afirmar que a arquitetura deve ser vista como parte da paisagem cultural, as construções como elementos ativos que interagem de forma dinâmica com o homem. Compreender o espaço enquanto um meio através do qual as ações acontecem, corrobora com as afirmativas de Tilley de que a paisagem culturalmente construída não é apenas um cenário passivo, um pano de fundo no qual os eventos tomam forma (TILLEY, 1994, p. 32).

Nesta perspectiva, a paisagem passa a ser compreendida enquanto um artefato dinâmico deixando de ser um mero reflexo das ações sociais para ser compreendida como um sujeito ativo que transforma e é transformado através do tempo (MACEDO, 2003). Tal processo nos remete ao entendimento sobre o surgimento das cidades, pois segundo o historiador Upiano B. de Meneses cidade é “coisa complexa, fabricada, historicamente produzida” (MENESES, 1996, p. 149). Analisando a complexidade da cidade deve-se levar em conta três dimensões solidariamente imbricadas, cada uma

dependendo profundamente das demais em relação simbiótica: a cidade é artefato, é campo de forças e é imagem.

O artefato é um segmento da natureza socialmente apropriado, ao qual se impôs forma e/ou função e/ou sentido. Espaços, estruturas, objetos, equipamentos, arranjos gerais, etc., todavia, foi produzido por forças que não é possível excluir do entendimento (sic): forças econômicas, territoriais, especulativas, políticas, sociais, culturais, em tensão constante num jogo de variáveis que é preciso acompanhar. Em última instância, o artefato é sempre produto e vetor deste campo de forças nas suas configurações dominantes e nas práticas que ele pressupõe.

Mas, além de artefato, coisa material produzida pelas práticas sociais e por toda a atuação de um complexo campo de forças, a cidade é também representação. As práticas sociais (que produzem artefatos e também procuram neles reproduzir-se) não se fazem às cegas, mecanicamente ou por instinto. Esta intervenção concreta do homem no universo real é orientada pelas representações sociais, sempre presentes” (MENESES, 1996, p. 149).

Partindo desta afirmação, acreditamos que a cidade não é simplesmente o palco onde as ações sociais se desenrolam, mas um personagem a mais do drama social, um organismo extremamente dinâmico, que segundo a arqueóloga Patrícia Rubertone (1986), deve ser tratado como uma verdadeira “força ativa na criação da ordem social e em sua legitimação”.

Desta forma, o estudo da paisagem deve considerar a diversidade de prismas de análise, sendo fundamental perceber a interconexão dos discursos entre as várias disciplinas que a estudam. Para entendê-la na sua totalidade é necessário analisá-la enquanto artefato cultural, não esquecendo de levar em conta as forças que criam, que controlam e que transformam sua imagem, não apenas como resultado, mas também como vetor.

A partir desta abordagem, percebemos que a igreja da Saúde foi acompanhando as transformações ocorridas nos arredores, influenciando no processo de urbanização e se modificando a partir dessas. Para verificar materialmente estas mudanças foram realizadas prospecções nas alvenarias da edificação e desta forma, identificamos os vestígios de algumas das intervenções. A ampliação na altura da edificação com materiais e técnicas distintas das empregadas na construção da igreja. O emprego de elementos decorativos como falsas colunas apostas na fachada principal, as quais

juntamente com a abertura de uma porta na área do coro<sup>9</sup> e o óculo produziram um efeito de verticalização na edificação. A partir da análise dos materiais e das técnicas construtivas empregadas nestas intervenções foram identificadas as “reformas” que transformaram sua volumetria. Estas intervenções realizaram o aumento na altura da edificação (utilização de tijolos sobre a alvenaria de pedra), o aumento do número de vãos – janelas e portas, púlpito e nichos – visando promover um aspecto mais imponente à igreja (vide Figura 3 e 4).



Figura 3 e 4 – Parede lateral esquerda interna da igreja.

Fonte: MACEDO, 2011

Percebeu-se que no decorrer da existência da edificação, sucessivas intervenções proporcionaram alterações nas suas feições originais e estas puderam ser evidenciadas a partir das prospecções arqueológicas. Evidenciou-se a presença de uma varanda na lateral da igreja com portas que se abriam na sua extensão (Figura 5), e ao fundo vê-se ainda, o tonel de combustíveis que impactou profundamente a paisagem local. A partir da retirada da varanda, também ocorreu o fechamento das portas e no lugar dessas foram instaladas janelas (Figura 6).





Figura 5 e 6 – Fechamento dos vãos das antigas portas (meados do século XX).

Fonte: MACEDO, 2011.

Dentre as prospecções realizadas nas alvenarias da edificação foi possível identificar inúmera intervenções como fechamento e abertura de vãos. Na parede lateral da edificação identificamos um vão de porta obturado que dava aceso ao antigo presbitério bem como, as portas que viraram janelas. No fechamento dos vãos das portas, percebe-se o emprego de materiais modernos como os tijolos de quatro furos (Il. 6) e a construção de uma nova sacristia. A edificação foi construída originalmente em alvenaria de pedra e cal, e as alterações evidenciadas pela arqueologia foram realizadas com materiais distintos dos originais. Em algumas das áreas prospectadas, como do altar mor, junto ao retábulo identificou-se uma faixa de tijolos de barro utilizados na sua ampliação.

A partir da identificação destes vestígios na estrutura da edificação foi possível definirmos três momentos distintos de intervenções na edificação: no primeiro momento, a capela estaria relacionada à chácara e ao seu partido<sup>10</sup>, sendo a mesma composta apenas pela nave, presbitério e uma pequena sacristia (lateral esquerda); em um segundo momento, o presbitério teria sido ampliado para a parte posterior da igreja e a torre sineira. E em um terceiro momento, verifica-se o acréscimo no sentido horizontal da edificação e o aumento da profundidade do presbitério, com um retábulo maior e além da construção de uma nova sacristia na lateral direita.

Para melhor compreender estas intervenções foram produzidas plantas que reproduzem hipoteticamente estes três momentos definidos pela pesquisa arqueológica (Figura 7). Podemos relacionar o **primeiro momento** ao da construção da capela da

Saúde (1742). O **segundo** à mudança de propriedade da capela para a família Leite, ou seja, a partir de meados do século XVIII. O **último momento**, por sua vez, estaria relacionado à posse da família Ferreira e que ao longo do século XIX foram realizadas diversas intervenções tanto na edificação, quanto na área do seu entorno.

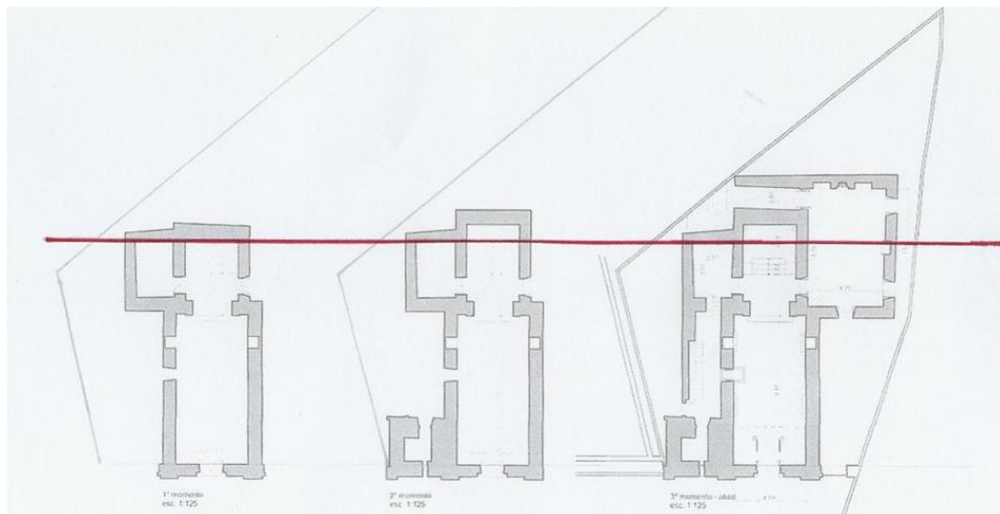


Figura 7 – Planta da igreja retratando os três momentos de modificações na igreja

Fonte: MACEDO, 2011/ Desenho: Thalita Fonseca - 2004

A partir das prospecções arqueológicas realizadas no interior da igreja da Saúde foram localizadas estruturas de sepultamento e expostos os caixões que eram revestidos por tecido entremeados por fios metálicos. A presença deste tipo de estrutura no interior das antigas igrejas é comum pois, os sepultamentos realizados até meados do século XIX eram realizados em *ad sanctos* ou seja, todos os indivíduos deveriam ser enterrados próximos dos santos ou de suas relíquias para assim garantir uma intercessão especial dos céus e o direito de salvação do defunto, o qual adquiriria uma espécie de imortalidade por contágio.

Estes sepultamentos foram evidenciados no interior da edificação em áreas consideradas “privilegiadas” como na nave, junto ao arco cruzeiro e no altar, o que nos permitiu perceber o grau de relevância destes indivíduos dentro daquela comunidade. Também foram identificadas modificações no tipo de revestimento e no nível de piso da igreja, além da posição do degrau de acesso ao presbitério.

No presbitério verificou-se uma mudança no tipo de piso e a possível relocação da lápide do túmulo de um dos proprietários. Acreditamos que a lápide originalmente estaria locada junto ao arco cruzeiro, pois ali foram exumados vestígios de sepultamentos com presença de restos mortais, no presbitério entretanto, não foram

evidenciados qualquer tipo de sepultamento com restos humanos. A hipótese para a transferência da lápide teria sido uma forma para afastar saqueadores de túmulo ou ainda, para dar-lhe maior destaque dentro da edificação.

Um volume significativo de fragmentos de materiais diversos foi exumado pela pesquisa arqueológica nas áreas externas à igreja (cerâmica, ossos de animais, vidro, telhas, tijolos, metal, conchas, estruturas em pedra e tijolos), principalmente na área posterior da edificação que teria sido utilizada como local de descarte de lixo doméstico<sup>11</sup>. Era comum a deposição deste tipo de resíduo em fossas ou valas localizadas nos quintais visto que até fins do século XIX, não havia o serviço de coleta de lixo doméstico. Este tipo de resíduo era simplesmente atirado ou enterrado nos quintais das casas, e desta forma, acreditamos que o material ali exumado estaria vinculado a ocupação do solar da chácara da Saúde que se localizava no alto do morro.

O material arqueológico coletado estaria associado as inúmeras transformações ocorridas na cidade, principalmente as implementadas a partir dos 1808 e com a ampliação da hinterlândia do Rio de Janeiro. A partir desta intensa atividade comercial viu-se uma mudança nos hábitos da população através do consumo de uma grande variedade de produtos importados que passaram a desembarcar no porto da cidade. Com o incremento da atividade comercial, mudanças substanciais foram produzidas nos costumes da população que passou a consumir uma variedade de objetos de decoração, de cuidado pessoal, de serviços de mesa (jantar, chá e café), dentre outros. Esta crescente variedade de bens de consumo, até então restritos às elites rurais e desconhecidos da maioria da população, invadiu o comércio da cidade e tornaram-se acessíveis às novas camadas urbanas ansiosas por copiar os costumes e o requinte europeus (LIMA, 1993).

Analisando a coleção de objetos arqueológicos recuperados na Saúde identificamos as práticas cotidianas que permitiram revelar a inserção de ideais de consumo prezados numa ordem capitalista. Como também, através da observação e da análise dos padrões verificados no material cerâmico combinados com o material zooarqueológico (ossos de animais) e o material vítreo, podemos inferir sobre hábitos alimentares e sazonalidade comportamental. Também foi possível estabelecer uma escala econômica-social dos ocupantes do sítio a partir da análise de itens exumados que foram comparados a partir de listagem de preços de fabricantes de louças de Staffordshire produzidas entre 1796 e 1880<sup>12</sup> (SYMANSKI, 2001<sup>a</sup>, p.8).

Autores alertam que o consumo deve ser entendido como o momento crucial em que identidade, intenção e símbolo são agenciados e combinados na decisão da compra. Contudo, a atenção dispensada aos significados da cultura material não deve prescindir da atenção ao contexto arqueológico. A estrutura do registro arqueológico pode revelar também dinâmicas comportamentais do passado (BEAUDRY et al, 2007, p. 90-91). Arqueólogos tem se dado conta ao modo de como as mulheres influenciaram na feição dos lares e de que modo os artefatos poderiam atuar como símbolos no cotidiano, tendo em vista “valores embasados tais como a noção de aspirar ao refinamento e status de classe média através da adoção de padrões da classe média como entendimento cortês e apresentação social – especialmente através do consumo do chá” (Idem, p. 99)

Outro tipo de vestígio identificado na área posterior a igreja, localizado a aproximadamente 1,00m abaixo do nível do terreno foi o relativo a uma estrutura semelhante a um forno constituído por dez vasilhames cerâmicos apoiados sobre uma base de tijolos de barro (Figura 8). Esta estrutura foi identificada como sendo um forno de metalurgia o qual teria sido utilizado para a confecção de pequenos objetos metálicos como medalhas e amuletos religiosos (ZEQUINI, 2004)<sup>13</sup>.



Figura 8 – Estrutura de tijolos com características de forno.

Fonte: MACEDO, 2011.

## Considerações Finais

A arqueologia se apresenta como disciplina interessada no passado, contudo, a dimensão passada da disciplina é problemática visto que todas suas atividades se encontram no presente. A pesquisa arqueológica é uma prática científica contemporânea não havendo nenhum acesso direto ao passado e, embora os artefatos representem pessoas reais que fizeram coisas reais, estes artefatos ou “coisas” do passado têm a sua importância reforçada ao retratar não apenas a cultura material, mas a “cultura” que representam, a matéria da qual a sociedade humana é construída. Devemos desta forma, entender a cultura material como parte de um fenômeno mais amplo compreendido pelo termo “cultura.”

Uma das características da arqueologia é a de ver a cultura material como um conjunto de dados empíricos e evidências que habilitam interpretações do passado a ser construído. É objetivo do arqueólogo, enfatizar a importância de se compreender que a arqueologia é estudo da cultura material e que este consiste de diferentes esferas interativas ou campos mutuamente dependentes um do outro: (1) o passado, (2) o presente, (3) natureza / materialidade, e (4) cultura. E que a interação destas quatro esferas, acabam por definir a quinta esfera chamada de cultura material e a arqueologia como uma disciplina acadêmica.

Para nós arqueólogos, o horizonte da pesquisa arqueológica é limitado pelo nosso conhecimento atual, o qual utilizamos ao deduzir processos e sociedades no passado. Devemos assim, ter em mente que toda a cultura material e artefatos são contemporâneos, embora a origem desses possa estar situada há vários anos atrás. Assim, ao nos depararmos em campo ou laboratório com um artefato com mais de 2.000 anos, este pode ter sido usado durante dois milênios ou apenas alguns poucos dias e neste sentido, este artefato é ao mesmo tempo **velho** e **novo**.

No que se refere as paisagens e ao objeto arquitetônico, a arqueologia os compreende como elementos da cultura material e desta forma, passíveis de serem analisados como um artefato com capacidade de atuar simultaneamente tanto quanto produto como produtor das relações sociais. As paisagens podem desta forma, transmitir mensagens sociais codificadas a partir da sua própria natureza física ao serem apropriadas pelo homem, “motivando ou restringindo comportamentos, mas também estão sujeitas ao conjunto de regras que normatizam as relações sociais, entre elas, as de poder e autoridade, e consequentemente de igualdade/desigualdade” (LESSA, 2018).

Neste sentido, buscou-se compreender os distintos significados da materialidade exumada a partir da pesquisa arqueológica (artefatos – móveis e imóveis e a paisagem da região da Saúde) na tentativa de identificar os diferentes agentes que contribuíram na construção e na manutenção daquele sítio, bem como o processo de transformação iniciado por este empreendimento naquela região. Podemos perceber que a implantação dos edifícios religiosos no alto dos morros da cidade estaria vinculada a uma mensagem de submissão e de lealdade para com a igreja Católica, a qual os colonos e os comerciantes desejavam imprimir. O projeto de construção de uma igreja era na verdade a implantação de um símbolo de confirmação da fé e do poder da Igreja Católica.

Desta maneira, percebe-se o quanto as coisas materiais afetam o humano e não somente o contrário, o que possibilita uma abordagem deste universo desvinculada dos valores humanos e normas. Assim, uma construção ou uma conformação natural passa por diferentes momentos de atualizações decorrentes de ideologias, todas são cambiantes e se desfazem, deixando apenas a matéria com a virtualidade de seus “agentes múltiplos” ou, segundo Bergson, a habilidade da duração e do virtual (CVIJOVIC, 2006, p.15). O sítio da Saúde e a materialidade nele recuperada, nos remete a toda uma rede envolvida na produção do sítio, na distribuição e comércio de mercadorias, bem como a utilização destes objetos na conformação das redes. Ao analisamos a cultura material recuperada na Saúde, percebemos ainda, a existência de muitos atores ‘silenciosos’ a nos revelar uma memória até então “escondida”.

A igreja e o novo porto da cidade passaram a funcionar como vetores de expansão urbana para aquela região, o que contribuiu significativamente para o processo de adensamento populacional daquela área da cidade. Viu-se em início do século XVIII, a partir do surgimento de uma especialização espacial das atividades econômicas e comerciais da cidade do Rio de Janeiro, uma população que era de aproximadamente 12.000 habitantes passar para 30.000 habitantes em 1760. As atividades portuárias levadas para o litoral da Prainha e do Valongo destacaram-se neste contexto, tanto no comércio de mercadorias quando de africanos escravizados<sup>14</sup>.

Com a recharacterização da utilização do solo e o adensamento urbano promovido pela atividade portuária e comercial destacamos a atividade do tráfico negreiro, que promoveu profundas e definitivas transformações na região. Viu-se a partir da sua implantação, a necessidade de se criar um complexo voltado para o comércio de cativos, sendo construído um cais para a descarga final, bem como,

armazéns para o seu confinamento e venda. Desta forma, a paisagem da região passou a ser vinculada ao tráfico negreiro, uma mácula que teve no cemitério dos Pretos Novos, implantado em 1769, o seu maior símbolo. A fim de completar o complexo ligado ao comércio negreiro foi construído um Lazareto à beira-mar em 1811, na encosta oeste do morro da Saúde (LESSA, 2018).

Apesar de todas estas mudanças, a igreja da Saúde permaneceu durante muito tempo, imponente no alto da elevação. Entretanto, no início do século XX, a partir dos inúmeros aterros promovidos naquela faixa litorânea e a construção de novas vias de acesso como a da via expressa da Perimetral, a igreja foi encoberta pela malha urbana da cidade.

Somente nos primeiros anos do século XXI foi que deu-se início a um projeto de restauração da igreja da Saúde o qual tinha dentre outros objetivos, o de promover a devolução daquela igreja aos seus fiéis e assim, promover a revitalização da área do seu entorno. Contudo, apesar da restauração ter sido bem-sucedida, o objetivo da revitalização da área não chegou a ser atingido. Apenas a partir da realização do **Projeto Porto Maravilha** e das obras de reurbanização e de readequação urbana para a zona portuária, viu-se ressurgir o interesse político e socioeconômico pela região. Dentre as medidas urbanas que impactaram diretamente na retomada da visibilidade da igreja da Saúde, podemos destacar a demolição do viaduto da Perimetral e a implantação do VLT (veículo leve sobre trilho) e sem a presença daquela via, a edificação voltou a marcar presença na paisagem local.

A pesquisa arqueológica realizada na igreja da Saúde se coaduna na perspectiva de expor as modificações que estiveram em curso no referido sítio, observando o quanto a presença das “coisas” – igreja, chácara, porto, vestígios arqueológicos – influenciaram e atuaram na construção/tessitura de suas redes (LATOUR, 2009). E assim, coube ao pesquisador compreender como o objeto de pesquisa da arqueologia “a materialidade”, “a cultura material”, “as coisas”, podem ser utilizadas pelo arqueólogo na construção do passado humano, estabelecendo, direcionando e estruturando nossos movimentos e relações.

Perceber que esta materialidade compõe o universo humano e é ao mesmo tempo produto da inventividade humana e produtora das relações entre ambos, sendo esta definição de conceitos importante para que possamos compreender o que é cultura material e, como a arqueologia se ocupa dela, estudando-a e analisando-a. Este ponto é um alerta para que os arqueólogos possam promover uma profícua discussão a respeito

dos estudos da cultura material e sobre os motivos pelos quais as coisas devem ser lembradas. Cabe ao pesquisador, refletir sobre o interesse da arqueologia que, apesar de apresentar-se como disciplina interessada no passado, todas suas atividades encontram-se no presente.

É fundamental percebermos que um artefato é ao mesmo tempo **velho** e **novo**, que fases das modificações materiais ou construções podem ter origens e datas específicas e que cada uma destas fases é de relevância arqueológica. Outro ponto relevante a ser considerado, é que o mundo no qual habitamos é material, ou seja, um artefato e neste sentido, passa a ser objeto de estudo da arqueologia, independente da profundidade do tempo desta materialidade, sem limitação cronológica para definir o que é arqueológico ou não.

## NOTAS

\* Bacharel em Arqueologia; Mestre em Arquitetura na área de Preservação do Patrimônio PROARQ/FAU/UFRJ; Doutorado em Arqueologia pelo MAE/USP; Atuou na coordenação e na consultoria de projetos de pesquisa arqueológica no Rio de Janeiro e na Bahia, prestou serviços para empresas privadas e para órgãos ligados a preservação do patrimônio como IPHAN e a UNESCO; atualmente desenvolve pesquisas na temática arqueologia e paisagem no Grupo de Pesquisa História do Paisagismo e no Grupo de Pesquisa Paisagens Híbridas, ambos ligados a EBA/UFRJ. É professora colaboradora do Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio PROARQ/FAU/UFRJ responsável pela linha de pesquisa Arqueologia aplicada em Projetos de Restauração.

<sup>2</sup> Nos primórdios da sua ocupação da cidade do Rio de Janeiro, o núcleo urbano esteve contido no alto do morro do Castelo por motivos claramente defensivos, sendo que o morro se ligava à várzea por três ladeiras. Passado este período de insegurança, este morro deixou de ser o núcleo no qual se concentrava a população carioca e ao final do século XVI, contudo, apesar de ter-se iniciado o processo de descida para a área plana a cidade continuava balizada pelos morros do Castelo, de Santo Antônio, de São Bento e da Conceição, sendo a área urbanizada da cidade restrita à faixa que ligava o morro do Castelo ao de São Bento.

<sup>3</sup> A área compreendida entre o Morro da Conceição e o Morro da Saúde ganhou o nome de Valongo e a rua entre os morros da Conceição e do Livramento ficou conhecida como Rua do Valongo.

<sup>4</sup> Segundo Fania Fridman (1999), a comunicação, aspecto importante para o cotidiano da cidade, envolvia as igreja e capelas que se tornavam locais de busca de notícias da população bem como, os sinos que marcavam acontecimentos como nascimento, casamento, morte, incêndio, entre outros.

<sup>5</sup> Por ser a Rua Direita a via mais importante da cidade, não era concebível permitir a presença do decadente mercado de compra e venda de escravos naquele local sendo necessário deslocar essa atividade da sua principal artéria. Buscou-se assim, uma área mais afastada, mas que não fosse muito distante do centro e do porto principal.

<sup>6</sup> Fridman (1999) destaca a importância da hinterlândia ou região servida por um determinado porto, seus arredores em termos de área de influência e do impacto dos portos nas localidades da cidade. O porto compreendido enquanto agente múltiplo, com múltiplas funções: distribuidor, consumidor, de trânsito, turístico e de tráfego de passageiros.

<sup>7</sup> Originalmente, a importância dessas agremiações religiosas estava ligada a assistência aos fiéis, principalmente na hora da morte quando a mesmas realizavam o enterro, a confecção dos testamentos



para determinar os últimos desejos do falecido, detalhes sobre a “passagem” do falecido e todo e qualquer tipo de preocupação visando garantir à salvação de suas almas (RODRIGUES, 1997).

<sup>8</sup> Para compreender melhor a história desses e de como os azulejos a representam, consultar a Tese de Doutorado/ USP, “Os nós da Arqueologia: leituras da paisagem e memória na igreja de Nossa Senhora da Saúde, Rio de Janeiro – RJ” (MACEDO, 2011).

<sup>9</sup> Para maiores detalhes sobre a pesquisa arqueológica consultar o Relatório de Pesquisa Arqueológica da Igreja da Saúde acessível no IPHAN – RJ.

<sup>10</sup> Quando se estuda qualquer obra de arquitetura, importa ter primeiro em vista, além das imposições do meio físico e social, consideradas no seu mais amplo sentido, o “programa”, isto é, quais as finalidades dela e as necessidades de natureza funcional a satisfazer; em seguida, a “técnica”, quer dizer, os materiais e o sistema construtivo adotado; depois, o “partido”, ou seja, de que maneira, com a utilização desta técnica foi traduzida, em termos de arquitetura, as determinações daquele programa; finalmente, a “comodulação” e a “modenatura”, entendendo-se por isso as qualidades plásticas do monumento (COSTA, 1997, p. 107).

<sup>11</sup> Na área posterior da igreja foram localizadas estruturas de embasamento de antigas paredes e pisos, além do material móvel e uma estrutura de tijolos de barro, a qual foi denominada “forno”, para maiores detalhes consultar o Relatório de Pesquisa Arqueológica da Igreja de N. Senhora da Saúde acessível no IPHAN-RJ.

<sup>12</sup> Segundo estas listagens, haveria valores mais altos para xícaras e pires, o que sugere que os aparelhos de chá tiveram um papel preponderante na exibição de status, além de que as faianças finas podiam ser classificadas em níveis crescentes de preços a partir da complexidade das técnicas de aplicação da decoração.

<sup>13</sup> Segundo Prof. Dr Abraham Zakon do Laboratório de Cimentos e Cerâmicos/ Departamento de Processos Inorgânicos, Escola de Química/UFRJ, o qual informou verbalmente à Assessoria de Arqueologia do IPHAN – RJ que quando ocorre queima em altas temperaturas não há resíduos de carvão ou de fuligem, pode-se perceber uma mudança na coloração da peça cerâmica que adquire um tom azulado.

<sup>14</sup> Esta região foi escolhida por apresentar enseadas que gozavam de bons ancoradouros, mais abrigados que os dos arredores do Castelo e, pela existência de encostas não muito íngremes, o que facilitou a expansão das construções urbanas e o estabelecimento de vários trapiches no decorrer dos séculos XVIII e XIX.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUDRY, Mary C. Artefatos e vozes ativas: Cultura Material como discurso social. In: Vestígios – Revista Latino Americana de Arqueologia Histórica, Vol. 1, nº 2, julho-dezembro 2007, p. 73- 107.

BERGER, Paulo. Karl Robert Baron Von Planitz. Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro – Oito sépias inéditas. São Paulo: Livraria Kosmos Editora, 1985.

CAVALCANTI, Nireu. Rio de Janeiro: Centro Histórico/1808-1998. Marcos da Colônia. São Paulo: Dresdner Bank Brasil, 1998.

CONDURU, Robert. Geometria bélica: cartografia e fortificação no Rio de Janeiro setecentista. In: Universo Urbanístico Português (1415-1822). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

COSTA, Lúcio. A arquitetura dos Jesuítas no Brasil. Rio de Janeiro. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN/Minc, nº 26, 1997.

CVIJOVIC, Petar. The ape who knew too much. Neo Darwinian Archaeology, Bergson's Creative Evolution and Polyagentive Archaeology. 2006, p.1-20. Disponível em < [http://arkserv.arch.gu.se/mikroarkeologi/The\\_Ape2007.pdf](http://arkserv.arch.gu.se/mikroarkeologi/The_Ape2007.pdf)> Acesso em: abril/2008.

FERREZ, Gilberto. O que ensinam os antigos mapas e estampas do Rio d\`e janeiro – O Campo da Cidade, Largo de São Francisco de Paula, o Rossio, futura Praça Tiradentes, o Campo de Sant'Anna, In: Separata da RIHGB (278), jan/mar. 1968.

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. O arcaísmo como projeto. Mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia tardia, Rio de Janeiro, c. 1790 –c. 1840. 4ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FRIDMAN, Fania. Donos do Rio em nome do rei: uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Garamond, 1999.

FUNARI, Pedro Paulo. Identidades, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2005.

FUNARI, P.P.A. A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial. In: Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul, Cultura Material, Discursos e Práticas. Andrés Zarankin e María Ximena Senatores (orgs), Buenos Aires, Ediciones del Tridente, 2002, 107- 116.

GERSON, Brasil. História das Ruas do Rio. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1965.

HODDER, Ian. The Archaeology of Contextual Meanings. Cambridge University Press, 1987.

LAMARÃO, Sérgio T. Dos Trapiches ao Porto, Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e esportes, 1991.

LATOURE, B. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica, (tradução) Carlos Irineu Costa, Rio de Janeiro: Ed. 34, 2ª edição, 2009.

LESSA, Andrea. Paisagem, Morte e Controle Social: O Valongo e o Cemitério dos Pretos Novos no Contexto Escravocrata do Rio de Janeiro nos Séculos XVIII e XIX. In: Revista Paisagens Híbridas, EBA/UFRJ: Rio de Janeiro. 2018.

LIMA, T. A.; BRUNO, M. C. O.; FONSECA, M. P. R. Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, século XIX: a Fazenda de São Fernando, Vassouras /RJ (exploração arqueológica e museológica). In: Anais do Museu Paulista, v. 1, p. 179-206, 1993.

MACEDO, Jackeline de. Os nós da arqueologia: leituras da paisagem e memória na igreja de Nossa Senhora da Saúde, Rio de Janeiro – RJ. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo/ USP, São Paulo, 2011.

MENESES, Ulpiano B de. Morfologia das cidades Brasileiras – Introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. In: Revista USP, São Paulo: USP, 1996, p. 144-155.

ORSER, Charles E. Jr. Introdução à Arqueologia Histórica. Tradução e apresentação Pedro Paulo Abreu Funari, Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

PECHEMAN, Roberto et alli. História dos Bairros – Saúde, Gamboa, Santo Cristo. Rio de Janeiro, Editora Index, 1987.

PEREIRA, Julia W. A religiosidade colonial através das capelas – A Capela de Nossa Senhora da Saúde, século XVIII. Monografia (Graduação em História), - Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

RODRIGUES, Cláudia. Lugares dos mortos na cidade dos vivos. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997.

RUBERTONE, P. Historical landscape: archaeology of place and space, In: Man in the Northeast. 1986.

SYMANSKI, Luís C. A louça na pesquisa arqueológica: possibilidades analíticas e interpretativas, In: TOCCHETTO, F.; SYMANSKI, L. C.; SILVA, A.; CAPELLETTI, A. OSÓRIO, S. A Faiança Fina em Porto Alegre - Vestígios Arqueológicos de uma cidade. Porto Alegre: Secretaria da Cultura/PMPA, 2001.

TILLEY, Christopher. A phenomenology of landscape. Places, paths and monuments. Oxford: Berg Publishers, 1994.

ZARANKIN, A. & SENATORE, M. (Orgs). Arqueologia da sociedade moderna na America do Sul. Cultura material, discursos e práticas. Buenos Aires, Ediciones del Tridente, Colección Científica, 2002.

ZARANKIN, Andrés. Paredes que domesticam: Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista. O caso de Buenos Aires. Centro de História da Arte e Arqueologia (IFCH – UNICAMP) FAPESP, v. 1, Campinas, 2002.

ZARANKIN, Andrés. Casa Tomada; Sistema, poder y vivienda familiar. In: Sed Non Satiada – Teoría Social en la Arqueología Latinoamericana Contemporánea. Buenos Aires: Ediciones del Tridente, 1999.

ZEQUINI, Anicleide. Arqueologia de uma Fábrica de Ferro: morro de Araçoiaba, séculos XVI-XVIII, Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2007.

#### **SITIO VECTOR DE FE Y EXPANSIÓN URBANA: LA IGLESIA DE NUESTRA SEÑORA DE LA SALUD**

**RESUMEN:** EN EL CASO DE LA ARQUEOLOGÍA HISTÓRICA, SE PRETENDIÓ IDENTIFICAR A LOS DIVERSOS ACTORES (HUMANOS Y NO HUMANOS) QUE SE HICIERON PRESENTES EN LA TESIS DE LAS REDES ESTABLECIDAS EN LA CONSTRUCCIÓN DEL SITIO IGLESIA NUESTRA SEÑORA DE LA SALUD, EN LA CIUDAD DE RÍO DE JANEIRO / ASÍ COMO, DESTACAR LOS PROCESOS QUE LLEVARON AL ROMPIMIENTO DE LOS LÍMITES DEL CUADRILÁTERO URBANO DE LA CIUDAD COLONIAL Y LA RELEVANCIA DEL SITIO DE LA SALUD EN LA CONSTITUCIÓN DEL PAISAJE URBANO DE LA REGIÓN.

**PALABRAS CLAVES:** ARQUEOLOGÍA, CULTURA MATERIAL, EXPANSIÓN URBANA, IGLESIA DE NUESTRA SEÑORA DE LA SALUD

#### **VECTOR PLACE OF FAITH AND URBAN EXPANSION: THE CHURCH OF OUR LADY OF HEALTH**

**ABSTRACT:** BASED ON THE APPROACH OF HISTORICAL ARCHEOLOGY, IT WAS INTENDED TO IDENTIFY THE VARIOUS ACTORS (HUMAN AND NONHUMAN) THAT WERE PRESENT IN THE NETWORK OF THE NETWORKS ESTABLISHED IN THE CONSTRUCTION OF THE NOSSA SENHORA DA SAÚDE CHURCH SITE IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO / RJ AS WELL AS HIGHLIGHT THE PROCESSES THAT LED TO THE BREAKING OF THE URBAN QUADRILATERAL OF THE COLONIAL CITY AND THE RELEVANCE OF THE HEALTH SITE IN THE CONSTITUTION OF THE URBAN LANDSCAPE OF THE REGION.

**KEYWORDS:** ARCHEOLOGY, MATERIAL CULTURE, URBAN EXPANSION, CHURCH OF OUR LADY OF HEALTH